

LIVRO DE BARUC E CARTA DE JEREMIAS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de outubro de 2026

INTRODUÇÃO

Textos e modelos

Na linha da tradição latina continuada, desde a Vulgata à Neovulgata, o livro de Baruc tem sido apresentado em ligação com um outro texto designado como *Carta de Jeremias*. Na edição grega dos LXX os dois textos aparecem em separado. Nesta edição, a Carta de Jeremias é, por conseguinte, colocada no final do livro de Baruc, como se fosse uma espécie de apêndice ao mesmo, numerada como mais um dos seus capítulos, constituindo assim como que o seu capítulo sexto. A tradição histórica que liga o nome de Baruc ao do profeta Jeremias contribuiu certamente para esta associação.

Sendo conhecidos apenas com base no respetivo original em grego, ambos os textos fazem parte do grupo de livros que se costumam chamar deutero-canónicos. Apesar de a sua conservação em grego estar sobretudo ligada ao cristianismo, a origem e os temas tratados fazem deste texto um produto de interesse claramente judaico. A análise linguística e literária sugere a hipótese de na base se poder encontrar algum original semítico.

Vários elementos importantes servem de denominador comum a estes textos e foram estes elementos comuns que os associaram de maneira tão consistente. Liga-os uma referência à figura profética de Jeremias e o facto de surgir em Jeremias uma personagem próxima deste profeta com o nome de Baruc (Jr 36,4ss; 43,3.6; 45,1ss; cf. 51,59ss). Por outro lado, o tema tratado, tanto no livro de Baruc, como na carta de Jeremias, está literariamente focado no contexto social e político em que Jeremias viveu. A carta de Jeremias, por seu lado, parece ter escolhido para seu modelo uma outra carta dirigida aos exilados, que aparece em Jr 29. Nela são tratadas preocupações que estão em convergência com os problemas referidos nesta carta de Jeremias associada ao livro de Baruc. De qualquer modo, estes textos podem enquadrar-se bem na rica tradição bíblica de literatura de ficção, aproveitando a ressonância de grandes nomes do passado.

No que toca à época histórica real em que estas criações literárias de modelo ficcional podem ter tido origem, as várias peças literárias que compõem o livro de Baruc e a própria carta de Jeremias parecem ser obra do século II a.C. Naquele tempo, as preocupações dos judeus palestinos concentram-se nos conflitos e na pressão cultural resultante do confronto com a civilização do helenismo. Ressoa em fundo o programa político dos Selúcidas, que se mostrou mais insidioso no tempo do rei Antíoco IV Epífanes, cuja imagem ameaçadora se percebe como pano de fundo do livro de Daniel, sobretudo no seu cap. 7. Esta época pode estar representada na Bíblia por um volume significativo de literatura, da qual podem também fazer parte os livros de Daniel e de Judite. Uma imagem de modelo mais aproximado ao

da historiografia para os acontecimentos destes tempos é a que nos apresentam os livros dos Macabeus, também estes integrados nos livros deuterocanônicos, transmitidos pela tradução grega.

Estrutura

Se mantivermos aqui integrada a carta de Jeremias, este conjunto literário pode dividir-se em cinco secções; e cada uma delas parece representar um género literário diferente. Poderia mesmo considerar-se a hipótese de alguns destes textos terem na sua origem documentos independentes. Os próprios indícios que nos dão sobre a língua em que cada um deles pode ter sido originalmente escrito parecem sugerir hipóteses diferentes. Uma outra característica é a rica intertextualidade bíblica de Baruc, que continuamente remete o leitor para temas e passagens esparsos ao longo da Bíblia. As divisões estruturais parecem ser as seguintes:

1. **Enquadramento histórico (1,1-14)**, onde se apresenta o contexto que serve de base ao livro e se mostra o interesse atribuído ao conjunto desta recolha. O horizonte é inteiramente desenhado com referências da memória judaica, e a língua de origem poderia ser uma das mais habitualmente faladas entre os judeus do tempo, o hebraico e o aramaico. O contemporâneo livro de Daniel junta textos tanto de uma língua como da outra.
2. **Liturgia penitencial (1,15-3,8)**, que corresponde a um género literário bem conhecido e característico da Bíblia (Esd 9,6-15; Ne 9; Sl 106; Dn 9,4-19). Trata-se de uma espécie de ritual que oferece aos hebreus um espaço teológico para reflexão sobre os seus comportamentos coletivos e individuais, na forma de um exame de consciência e do correspondente arrependimento. Os temas abordados sugerem que se pode ver aqui espelhada a consciência de uma comunidade judaica na diáspora, que alguns indícios poderiam levar a localizar na Síria.
3. **Meditação sobre a sabedoria (3,9-4,4)**, motivada pela difícil experiência dos judeus na diáspora e realizada de acordo com o espírito contemplativo dos textos sapienciais. Aqui se encontra não apenas o conteúdo mais refinado da cultura religiosa bíblica, mas também o espírito patrimonial herdado das outras culturas pré-clássicas. Tratada em sucessivas modulações, a sabedoria aparece mais diretamente associada com Deus, com o Messias e com a própria Lei. Nada obstaria a que esta meditação pudesse ter sido diretamente escrita em grego, como acontece com o próprio livro da Sabedoria, também ele deuterocanónico e possivelmente escrito originalmente em grego. Com efeito, o judaísmo helenístico cultivou de modo especial este tema, ampliando assim o quadro metafórico adequado para uma conceção de Deus que se encaixa bem naquela que o cristianismo continuou a desenvolver.
4. **Exortação e encorajamento a Jerusalém (4,5-5,9)**, feita no contexto de restauração e de afirmação por parte da consciência coletiva do judaísmo.

Este horizonte poderia eventualmente inscrever-se entre a revolta conseguida pelos Macabeus contra os Selêucidas e a conquista de Jerusalém por Pompeio, em 63 a.C.

5. **Carta de Jeremias (6,1-72).** Este texto começa por se apresentar como cópia de uma alegada carta de Jeremias endereçada aos judeus exilados na Babilónia. Esta referência à diáspora judaica na Babilónia pode justificar-se pelo enquadramento ficcional focado na época de Jeremias, mas pode igualmente estar ligado à hipótese de a carta, no seu enquadramento histórico da época helenística, poder ter que ver realmente com alguma comunidade judaica residente na diáspora babilónica, por volta do século II. a.C. Com efeito, nesta época parece ter-se assistido a um renascimento dos cultos às divindades mesopotâmicas tradicionais. De qualquer modo, o principal tema da carta é um discurso apologético contra as divindades pagãs, consideradas como seres artificiais, que não têm nenhuma utilidade e são indignas dos humanos que lhes prestam culto. Este tema aparece em várias passagens da Bíblia (Jr 10,1-16; Is 44,9-20; Sl 115,4-8) e, em tempos próximos dos desta carta, é igualmente marcante no livro da Sabedoria (Sb 13-15). Neste espaço continuava a processar-se um intenso combate por parte do judaísmo da época helenística, importante para a definição da sua espiritualidade, do seu humanismo e da ideia de Deus, com base na qual se configurava a sua religiosidade.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

1 ¹Estas são as palavras do livro^a que Baruc^b, filho de Nérias, filho de Massafas, filho de Sedecias, filho de Hasadías, filho de Hilquias, escreveu na Babilónia^c. ²Foi no quinto ano^d, no sétimo dia do mês, no tempo em que os caldeus tomaram Jerusalém e lhe lançaram fogo.

³Baruc leu as palavras deste livro na presença^e de Jeconias^f, filho de Joaquim, rei de Judá, e na presença de todo o povo, que aconteceu para a leitura do livro^g, ⁴na presença dos poderosos e dos filhos dos reis, na presença dos anciãos e na presença de todo o povo, do mais pequeno ao maior, de todos, enfim, os que habitavam na Babilónia, junto ao rio Sud^h. ⁵Todosⁱ choravam, jejuavam e rezavam^j diante do Senhor. ⁶Reuniram, então, dinheiro, segundo as possibilidades de cada um^k ⁷e enviaram-no para Jerusalém, para o sacerdote Joaquim^l, filho de Hilquias, filho de Salom, bem como para os outros^m e para os sacerdotes e para todo o povo, que se encontravam com ele em Jerusalém. ⁸Foi, então, no décimo dia do mês de Sivanⁿ, que Baruc tomou os utensílios da casa do Senhor para os fazer regressar à terra de Judá, os utensílios de prata que o rei Sedecias de Judá^o, filho de Josias, fizera e que tinham sido levados do santuário, ⁹depois de Nabucodonosor, rei da Babilónia, ter exilado Jeconias e os

^a Este *título* de livro para identificar o conteúdo do texto de Baruc bem como o título de *carta* de Jeremias (Br 6,1) são semelhantes entre si e ambos parecem imitar o início de uma carta enviada por Jeremias aos hebreus que tinham sido exilados para a Babilónia (Jr 29,1).

^b Baruc é um nome frequente e uma personagem importante no livro do profeta Jeremias (Jr 32,12; 36,4.10.32; 43,3.6; 45). Esta proximidade com o profeta Jeremias pode justificar a quantidade de literatura, mesmo apócrifa, que apareceu associada ao seu nome. A genealogia de Baruc aqui apresentada aparece apenas neste texto.

^c A personagem de Baruc contemporâneo de Jeremias poderá não ter estado realmente na Babilónia e poderá ter acompanhado o profeta Jeremias numa eventual ida para o Egito (Jr 43,6-7).

^d O *quinto ano* aponta provavelmente para 581 a.C., cinco anos após a destruição da cidade pelos Babilónios em 587/586 a.C. (cf. 2Rs 25,1-21).

^e Lit.: *nos ouvidos* (duas vezes no v., assim como nas três ocorrências do v.4). Esta expressão significa que cartas, mensagens e outros textos eram levados e lidos pelo mensageiro diante do destinatário.

^f Jeconias ou Yehoyakin era rei de Judá, quando, na primeira deportação de exilados, foi levado para a Babilónia, poucos meses depois de ter subido ao trono.

^g Lit.: *que veio para o livro*.

^h Trata-se provavelmente de algum dos canais em que o rio Eufrates se dividia, sobretudo ao passar junto das grandes cidades da Mesopotâmia.

ⁱ *Todos* é acrescento da tradução.

^j Estas manifestações características de liturgias penitenciais (Esd 10,1; Jl,1,14; 2,12) parecem remeter para o conteúdo da secção seguinte do livro.

^k Lit.: *conforme a mão de cada um podia*.

^l Nem este sacerdote nem a genealogia que lhe é atribuída são conhecidos na Bíblia.

^m *Outros* é acrescento da tradução.

ⁿ O mês de *Sivan* é particularmente importante para os hebreus, pelo facto de coincidir com a festa de Pentecostes.

^o O destino dos utensílios sagrados era um tema particularmente sensível na literatura pós-exílica e muito especialmente no tempo dos Macabeus (Dn 1,2; 5,23; 1Mac 1,21-24; 4,49-51; 2Mac 2,4-12). A informação não coincide com Esd 1,7-11.

chefes, assim como prisioneiros^p, os poderosos e todo^q o povo da terra de Jerusalém, levando-os para a Babilónia.

¹⁰ Disseram eles^r: «Estamos a enviar-vos este dinheiro, para com ele comprardes vítimas para os holocaustos e sacrifícios expiatórios^s, bem como incenso. Preparai oferendas^t e apresentai-as no altar do Senhor, nosso Deus. ¹¹Rezai pela vida de Nabucodonosor, rei da Babilónia, e pela vida do seu filho Baltasar, para que os seus dias sejam longos^u como os dias do céu sobre a terra. ¹²E assim o Senhor nos dará força e iluminará os nossos olhos, para vivermos à sombra de Nabucodonosor, rei da Babilónia, e à sombra de Baltasar, seu filho^v, e os poderemos servir por muito tempo^w e encontrarmos graça diante deles. ¹³Rezai também por nós ao Senhor, nosso Deus, porque pecámos contra o Senhor, nosso Deus, e até ao dia de hoje^x a sua ira e o seu furor não se afastaram de nós. ¹⁴E deveis ler este livro que vos enviamos, para dele fazedes leitura pública^y na casa do Senhor, em dia de festa e nos dias convenientes^z.

Liturgia penitencial

¹⁵Então direis:

«Ao Senhor, nosso Deus, pertence^{aa} a justiça; a nós, porém, a vergonha que sentimos hoje no rosto: a nós, gente^{ab} de Judá e habitantes de Jerusalém^{ac}, ¹⁶ aos nossos reis e aos nossos chefes, aos nossos sacerdotes e aos nossos profetas, bem como aos nossos pais, ¹⁷ porque pecámos contra o Senhor; ¹⁸desobedecemos-lhe e não escutámos a voz do Senhor, nosso Deus, de modo a seguirmos os preceitos do Senhor, que

^p Em Jr 24,1s e 29,2 diz-se *os artesãos*, variante que alguns mss. antigos assumiram.

^q *Todo* é acrescento da tradução.

^r Os intermediários que levavam uma carta faziam a sua leitura para os destinatários como se o remetente estivesse ali presente e lhes repetisse de viva voz a mensagem escrita.

^s Lit.: *eis que enviamos e comprai do dinheiro holocaustos e acerca de pecado*.

^t Lit.: *Fazei manna...* Para significar *oferendas* a tradução grega transcreveu a seu modo o som de um termo hebraico *minhab*, que os tradutores assumiram como um termo técnico, dispensando-se, por isso, de lhe dar uma tradução em grego. Esta fórmula técnica aparece na tradução grega de frequentes passagens em Jeremias e Ezequiel.

^u *Longos* é acrescento da tradução.

^v A distância entre o tempo de redação do texto e o tempo histórico das figuras referidas faz com que algumas confusões se possam instalar. Realmente Baltasar não era filho de Nabucodonosor, mas sim de Nabónido.

^w Lit.: *muitos dias*.

^x Lit.: *até este dia*.

^y A expressão grega usada indica uma leitura em espaço público, condizendo com proclamação em voz alta.

^z O termo grego *kairós* parece corresponder ao hebraico *mo'ed*, que se refere a uma assembleia solene marcada no calendário das festas.

^{aa} *Pertence* é acrescento da tradução.

^{ab} Lit.: *homem*.

^{ac} A primeira parte desta liturgia penitencial (1,15-2,10) é de confissão coletiva e reflexão sobre as causas morais da desgraça que atingiu Jerusalém. O “nós” que assume a consciência dos erros e a respetiva confissão são os próprios habitantes de Jerusalém. A segunda parte desta liturgia (2,22-3,8) é uma prece em favor dos exilados, referidos como “eles”. Para esses, o exílio é igualmente visto como ocasião de reflexão em ordem à conversão.

Ele colocou diante de nós.¹⁹ Desde o dia em que o Senhor fez sair os nossos pais da terra do Egito até ao dia de hoje, temos sido desobedientes ao Senhor, nosso Deus^a, e negligentes por não escutarmos a sua voz.²⁰ E assim, tal como nos acontece hoje, se colaram a nós os males e as maldições que o Senhor determinou ao seu servo Moisés no dia em que fez sair os nossos pais da terra do Egito para nos dar uma terra onde corre leite e mel.

²¹Não escutámos a voz do Senhor, nosso Deus, por meio de todas as palavras dos profetas que Ele nos enviou. ²²Afastámo-nos, seguindo cada um o desígnio do seu coração perverso para servir a outros deuses, fazendo o que é mal aos olhos do Senhor, nosso Deus.»

2 ¹«O Senhor cumpriu^b, então, a sua palavra, que tinha proferido contra nós e contra os nossos juízes que governaram Israel, contra os nossos reis e contra os nossos chefes, e contra cada homem de Israel e de Judá. ²Nunca tinha acontecido, sob a imensidão do céu, nada de semelhante ao que Ele fez em Jerusalém^c, de acordo com o que estava escrito na Lei de Moisés: ³chegámos ao ponto de uns comerem a carne dos próprios filhos, e outros a carne das próprias filhas^d! ⁴O Senhor^e entregou-os como súbditos a todos os reinos à nossa volta, para serem objeto de opróbrio e desolação^f por parte de todos os povos à volta, por onde o Senhor os dispersou^g. ⁵Pas-saram a ser súbditos em vez de serem senhores^h, porque pecámos contra o Senhor, nosso Deus, por não termos escutado a sua voz.

⁶Ao Senhor, nosso Deus, pertence a justiça, a nós e aos nossos pais, a vergonha que sentimos hoje no rosto. ⁷Todos esses males, que contra nós o Senhor tinha proferido, vieram sobre nós. ⁸Não implorámos diante do Senhorⁱ que fizesse com que cada um de nós abandonasse os pensamentos do seu coração perverso. ⁹O Senhor esteve vigilante sobre tais males e fez com que caíssem sobre nós, porque o Senhor é justo em todas as^j obras que nos ordenou, ¹⁰ao passo que nós não escutámos a sua

^a Esta consciência de pecado a marcar Israel ao longo de toda a sua história é um elemento persistente da pregação profética e das liturgias penitenciais. É a maneira que Israel tem de manter consciente uma espécie de responsabilidade histórica (Ez 16; 20; 23; Ne 9; Sl 78; 106; etc.).

^b Lit.: *estabeleceu*.

^c Lit.: *não foi feito debaixo de todo o céu conforme [Ele] fez em Jerusalém*.

^d Lit.: *[para] nós comermos, homem carnes de seu filho e homem carnes de sua filha*. O facto remete para Lv 26,29, onde Deus, por meio de Moisés, o tinha predito. Este tipo de tragédia familiar e humanitária representa uma das calamidades da guerra, frequentemente referida na Bíblia (2Rs 6,28s; Jr 19,9; Lm 4,10; Ez 5,10).

^e O Senhor é acrescento da tradução.

^f O termo grego designa um lugar impróprio ou proibido, onde não se pode entrar ou circular. Esta é uma imagem de destruição, segundo o imaginário semítico. A mesma palavra surge no v.23.

^g O grego acrescenta *ali* (tal como no final do vv.13.29). Trata-se de um semitismo.

^h Lit.: *foram tornados debaixo e não em cima*.

ⁱ Lit.: *da face do Senhor*.

^j O grego acrescenta *suas*.

voz, de modo a caminharmos de acordo com as determinações do Senhor, que Ele colocou diante de nós^k.

¹¹E agora, Senhor, Deus de Israel – que fizeste sair o teu povo da terra do Egito com mão forte, sinais e prodígios, com grande poder e braço erguido e que assim adquiriste um nome que se mantém até ao dia de hoje^l – ¹²nós pecámos, cometemos impiedades, praticámos injustiças, ó Senhor, nosso Deus, contra todos os teus preceitos: ¹³que se afaste de nós a tua cólera, porque ficámos reduzidos a poucos no meio das nações por onde nos dispersaste. ¹⁴Escuta, Senhor, a nossa oração e a nossa súplica: por causa de ti mesmo^m, resgata-nos e concede-nos que encontremos graça dianteⁿ daqueles que nos exilaram, ¹⁵para que toda a terra saiba que Tu és o Senhor, nosso Deus, pois o teu nome foi invocado sobre Israel e sobre a sua descendência^o.

¹⁶Senhor, olha do alto da tua santa morada^p e pensa em nós; inclina, Senhor, o teu ouvido e escuta. ¹⁷Abre, Senhor, os teus olhos e vê: não são aqueles que estão na morada dos mortos^q e cujo espírito foi retirado das suas entranhas, os que renderão glória e justiça ao Senhor, ¹⁸mas sim a alma aflita pelo pesado fardo, aquele que caminha curvado e enfraquecido^r, os olhos vacilantes e a alma faminta, são estes que te renderão glória e justiça, Senhor. ¹⁹Não é pelas obras de justiça dos nossos pais e dos nossos reis que clamamos por misericórdia diante de ti^s, Senhor, nosso Deus, ²⁰pois Tu lançaste sobre nós a tua cólera e a tua ira, tal como afirmaste por meio^t dos teus servos, os profetas, quando disseste: ²¹“Assim fala o Senhor: ‘Curvai as vossas costas, servi^u o rei da Babilónia; e haveis de habitar na terra que Eu dei

^k Lit.: *com as quais deu segundo nosso rosto*.

^l Lit.: *fizeste para ti próprio nome como este dia*. A saída do Egito constitui, ao longo de toda a Bíblia, a base da confiança em Deus que o judaísmo da era helenística continua a alimentar.

^m Ou seja, um Israel disperso e humilhado comprometeria a reputação de Deus perante as nações (cf. Ez 36,22s). A libertação é, pois, uma demonstração pública da sua fidelidade (cf. v.15). Alguns mss. leem *por causa do teu nome*.

ⁿ Lit.: *e dá-nos graça de acordo com o rosto*.

^o Invocar o nome do Senhor sobre uma pessoa ou uma coisa significa consagrá-la para sempre ao Senhor, como propriedade sua (2,26; Is 63,19; Jr 7,14; 14,9).

^p Apesar da importância da morada de Deus no templo, Israel manteve sempre a ideia de que a primeira morada de Deus é no céu e, em certas épocas de insegurança, esta morada do céu era uma alternativa especialmente sublinhada.

^q Lit.: *os que morreram no Hades*. É de assinalar que o pensamento tradicional hebraico sobre o mundo dos mortos recebe, no texto grego de Baruc, o nome grego tradicional de Hades; este fica, assim, a corresponder ao hebraico *Sheol*. Na época helenista, o judaísmo começou a abrir outras perspetivas sobre esta matéria, tratando nomeadamente a hipótese da ressurreição, como acontece em Dn 12,2. Antigas e novas concepções continuaram certamente a conviver.

^r Lit.: *pela magnitude que caminha curvada e enfraquecida*. A expressão *pela magnitude* é notoriamente difícil de traduzir e as traduções divergem bastante: *a alma profundamente angustiada*, *os que recordam dias melhores*, *a alma que sofre pela multidão* ou *a alma repleta de angústia* são alguns exemplos de possibilidades de tradução.

^s Lit.: *lançamos para baixo a nossa misericórdia segundo o teu rosto*. O verbo grego causa estranheza, mas pode justificar-se pelo efeito que resulta de uma prostração, atitude que acompanha normalmente a oração.

^t Lit.: *em/com mão dos teus servos*, assim como no v.24.

^u Lit.: *trabalhai para*, assim como no v.24.

aos vossos pais. ²²Mas se não escutardes a voz do Senhor, para servirdes o rei da Babilónia, ²³farei com que desapareça das cidades de Judá e das ruas^a de Jerusalém a voz de alegria e a voz de regozijo, a voz do noivo e a voz da noiva; e toda a terra ficará desolada, sem habitantes”.

²⁴Mas não escutámos a tua voz de modo a servirmos o rei da Babilónia, e Tu cumpriste^b as tuas palavras, que tinhas proferido por meio dos teus servos, os profetas, de que os ossos dos nossos reis e os ossos dos nossos pais seriam retirados dos seus lugares^c. ²⁵E eis que aí estão eles, lançados ao calor do dia e à geada da noite. Muitos^d morreram com dores terríveis, à fome, com a espada e com a peste^e. ²⁶E puseste a casa sobre a qual foi invocado o teu nome no estado em que está hoje, por causa da maldade da casa de Israel e da casa de Judá.

²⁷No entanto, Senhor, nosso Deus, Tu procedeste connosco de acordo com toda a tua bondade e de acordo com toda a tua imensa compaixão, ²⁸conforme o que tinhas afirmado por meio do teu servo, Moisés, no dia em que lhe ordenaste que escrevesse a tua lei diante dos filhos de Israel, quando disseste: ²⁹“Se não escutardes a minha voz^f, esta multidão ruidosa e numerosa será certamente reduzida a algo insignificante^g entre as nações, por onde os dispersei. ³⁰Pois Eu sei que não me escutarão, porque é um povo de dura cerviz. Mas na terra do seu exílio cairão em si^h ³¹e saberão que Eu sou o Senhor, seu Deus. Dar-lhes-ei um coração e ouvidos que escutem; ³²na terra do seu exílio hão de louvar-me e lembrar-se do meu nome. ³³Arrependem-se-ãoⁱ da sua dura cerviz e das suas más ações, porque se lembrarão do caminho dos seus pais que pecaram contra o Senhor. ³⁴Fá-los-ei, então, regressar à terra que prometi aos seus pais, Abraão, Isaac e Jacob, e serão senhores dela. Multiplicá-los-ei e eles nunca mais diminuirão. ³⁵Estabelecerei com eles uma aliança eterna: Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E nunca mais hei de retirar o meu povo de Israel da terra que lhes dei”».

^a Lit.: *e de fora de*. Esta poderia ter sido a maneira de traduzir um texto semita semelhante ao de Jr 7,34, onde o termo traduzido em grego por *de fora de* pode significar *e das ruas de*.

^b Lit.: *estabeleceste*.

^c Ficar sem sepultura ou ter uma sepultura que é objeto de violação é considerado maldição e abominação entre os hebreus (cf. Am, 2,1-3; Jr 16,4; 22,18s).

^d *Muitos* é acrescento da tradução.

^e Lit.: *afastamento*, na medida em que a peste obrigava à segregação de quem a contraía. Jr 32,36 apresenta a peste como um dos elementos da lista tripla de flagelos tradicionais na Bíblia (cf. 2Sm 24,13; Jr 14,12; 24,10; Ez 5,12).

^f Nos vv.29-35, um discurso divino resume a teologia de Lv 26,14-45; Dt 4,25-31; 28,58-68; 30,1-10, intercalando expressões derivadas de Jeremias e de Ezequiel. Apenas a primeira frase do discurso se dirige diretamente ao povo; seguidamente, este passa a ser referido na terceira pessoa.

^g Lit.: *este ruído grande e muito voltará para pequeno*.

^h Lit.: *regressarão ao seu coração*. A expressão *regressar ao coração* — i.e., tomar consciência de si e converter-se — é um idioma bíblico associado ao regresso a Deus e à reunião do povo disperso (cf. 1Rs 8,47; 2Cr 6,37-38; Tb 13,5-6; Is 46,8; Jr 24,7). O paralelo mais estreito é Jr 24,7, onde Deus promete dar ao povo um coração novo para o conhecer.

ⁱ Lit.: *regressarão*, o mesmo verbo do início do v.34.

3 ¹“Senhor onnipotente, Deus de Israel! É uma alma em aflições, um espírito abatido que clama por ti. ²Escuta, Senhor, e tem misericórdia, porque pecamos contra ti. ³Porque Tu reinas^j para sempre, enquanto nós estamos para sempre perdidos. ⁴Senhor onnipotente, Deus de Israel, escuta, pois, a súplica dos que já estão mortos^k em Israel, dos filhos daqueles que pecaram contra ti, daqueles que não escutaram a voz do Senhor seu Deus, de modo que os males se colaram a nós. ⁵Não te lembres das injustiças dos nossos pais, mas, neste tempo, lembra-te da tua mão poderosa^l e do teu nome, ⁶porque Tu és o Senhor, nosso Deus, e nós te louvaremos, Senhor. ⁷Foi por isso que puseste o temor a ti^m no nosso coração, para que invocássemos o teu nome e te louvássemos no nosso desterro, porque afastámos dos nossos corações toda a injustiça dos nossos pais, que pecaram contra ti. ⁸Eis-nos hoje no nosso desterro, para onde nos dispersasteⁿ, para sermos objeto de vergonha, maldição e punição por todas as injustiças dos nossos pais, que se afastaram do Senhor, nosso Deus.»

Meditação sobre a sabedoria^o

⁹Escuta, Israel, são mandamentos de vida!

Dai ouvidos para conhecerdes a prudência^p.

¹⁰Por que razão, Israel,

por que razão te encontras em terra dos inimigos,
a envelhecer em terra estrangeira?

¹¹Por que razão te contaminaste com os mortos,
e foste contado entre os que vão para a morada dos mortos^q?

¹²Abandonaste a fonte da sabedoria.

¹³Se tivesses prosseguido no caminho de Deus,
habitarias para sempre em paz.

¹⁴Aprende onde está a prudência,

^j Lit.: [estás] sentado. Esta expressão traduz a posição de poder do rei em funções no seu trono.

^k Se esta referência aos mortos não for uma metáfora sobre a deficiente condição dos exilados, resta a hipótese de se pensar nos antepassados defuntos, vistos como intercessores em favor do povo. Como esta ideia não parece ter enraizamento bíblico, há quem pense que poderia haver aqui mais um caso de tradução insegura de um termo hebraico que tanto pode significar os mortos como os mortais.

^l Poderosa é acrescento da tradução.

^m Para o conceito do *temor de Deus*, não tão central neste livro como é em Ben Sira, cf. Sir 1,1 nota.

ⁿ O grego acrescenta *ali* (cf. 2,4 nota).

^o Esta meditação recolhe as características do discurso sapiencial e as da exortação profética. Por isso, o orador anónimo que assim fala tem a figura de um mestre e de um profeta. Esta secção divide-se em vários subtemas: exortação a refletir sobre as causas que provocaram o exílio (3,9-14); meditação sobre a relação entre Deus, a sabedoria e a Lei (3,15-4,1); breve exortação final (4,2-4). A versificação segue a versão da NVg.

^p Alguns temas próprios da tradição deuteronomista como sejam o da escuta (Dt 5,1; 6,4) e o dos mandamentos de vida (Dt 6,24; 8,1) aparecem integrados num horizonte sapiencial, como é o da meditação e do discernimento.

^q Lit.: *Hades*, tal como no v.19. Cf. 2,17 nota.

onde está a força, onde está a inteligência,
a fim de, ao mesmo tempo, saberes onde está a longevidade e a vida,
onde está a luz dos olhos e a paz.

¹⁵ Quem encontrou o sítio dela
e quem já entrou nos seus tesouros^a?

¹⁶ Onde estão os chefes das nações
e os que têm domínio sobre os animais que há na terra?

¹⁷ Onde estão^b os que se divertem com as aves do céu
e entesouram a prata e o ouro,
nos quais os homens tanto confiam,
sem pôr limites à sua aquisição^c?

¹⁸ Onde estão os que trabalham a prata e tanto se preocupam,
sem que, no entanto, as suas obras deixem marca^d?

¹⁹ Desapareceram e desceram à morada dos mortos,
e outros surgiram no seu lugar^e.

²⁰ Novas gerações^f viram a luz e habitaram na terra,
mas não conheceram o caminho do conhecimento;

²¹ não prestaram atenção às suas sendas
nem a acolheram,

e os seus filhos ficaram longe do seu caminho^g.

²² Dela nada se ouviu em Canaã^h
nem foi vista em Teman.

²³ Os filhos de Agar que procuram o saber sobre a terra,
os comerciantes de Meran e Teman,
os contadores de fábulas e os que procuram o saber
não conheceram o caminho da sabedoria
nem se lembram das suas sendas.

^a Um lugar bíblico de grande destaque, sobre os lugares secretos por onde se tem de procurar a sabedoria e descobrir o seu valor, é Job 28.

^b *Onde estão* é acrescento da tradução, assim como no v.18.

^c Lit.: *e não há fim da aquisição/pose deles*.

^d Lit.: *e não há descoberta das obras dele*.

^e Lit.: *levantaram*.

^f Lit.: *mais novos*.

^g A tradição dos mss. entende alternativamente o *seu* como sendo dele ou dela. A lógica do contexto parece, no entanto, sugerir mais que se trata do caminho da sabedoria.

^h Os vv.22s referem vários lugares aos quais ficou ligada a memória hebraica sobre a sabedoria, especificando curiosamente Canaã, onde se reconhece que assentam raízes bíblicas em matéria de sabedoria, apesar das conotações negativas que a Bíblia retém sobre a cultura cananaica; Teman e Meran, ou hipoteticamente Medan, são lugares situados a sul de Canaã, onde floresceram importantes centros de saber; será por causa destes que serão também referidos os povos do deserto arábico localizados igualmente a sul (*os filhos de Agar*, descendentes de Ismael). A ironia do v. é que todos estes povos, conotados com a busca do *saber/inteligência (synesis)*, não chegaram ao conhecimento da *sabedoria (sophia)*, que somente Deus concede.

- ²⁴ Ó Israel, como é grande a casa de Deus,
como é vasta a extensãoⁱ dos seus domínios!
- ²⁵ É grande e não tem fim;
é alta e sem medida.
- ²⁶ Ali nasceram os gigantes, famosos desde as origens,
de enorme estatura e entendidos na guerra^j.
- ²⁷ Deus, porém, não os escolheu a eles,
nem lhes deu o caminho do conhecimento;
- ²⁸ Pereceram por não terem prudência,
pereceram por causa da sua insensatez.
- ²⁹ Há alguém que tenha subido ao céu e dela se tenha apoderado^k
e que a tenha feito descer das nuvens?
- ³⁰ Há alguém que tenha atravessado o mar
e a tenha encontrado e trazido, adquirindo-a com^l ouro puro?
- ³¹ Não há quem conheça o seu caminho
nem quem possa imaginar as suas sendas.
- ³² Mas Aquele tudo sabe conhece-a,
inventou-a com a sua inteligência;
Aquele que preparou a terra para durar para sempre^m
e que a encheu de animais quadrúpedesⁿ;
- ³³ Aquele que envia a luz e ela vai,
que a chamou, e ela obedeceu com tremor.
- ³⁴ As estrelas brilharam
nos seus postos de vigia e alegraram-se;
- ³⁵ Ele chamou por elas e estas responderam: «Aqui estamos!»
Brilharam com alegria para Aquele que as criou^o.
- ³⁶ Este é o nosso Deus;
nenhum outro se pode comparar a Ele^p.
- ³⁷ Ele inventou todo o caminho do conhecimento
e mostrou-o ao seu servo^q Jacob
e a Israel, por Ele amado.

ⁱ Lit.: *lugar*.

^j Os gigantes dos tempos antigos (Gn 6,1-4) voltavam a estimular bastante o imaginário dos tempos mais recentes da Bíblia (Sb 14,6; Sir 16,7). Tais gigantes aparecem igualmente referidos em *1Hen* 7; 15 e *Jub* 5;7.

^k A terminar esta meditação sapiencial reaparecem os temas deuteronomistas mais característicos (Dt 30,11-14), associados mais uma vez com a sabedoria e a Lei (4,1).

^l *Adquirindo-a com* é acrescento da tradução.

^m Lit.: *para tempo para sempre*.

ⁿ Um dos temas ligados à sabedoria é o de considerar que ela participou com Deus na criação e continua a marcar a sua intervenção em tudo o que representa a organização do mundo (cf. Pr 8,22-31).

^o Lit.: *fez*.

^p Lit.: *não se pensará/considerará outro para Ele*.

^q Lit.: *deu*.

³⁸Depois disto, a sabedoria^a apareceu na terra e viveu entre os homens.

- 4** ¹Ela é o livro^b dos decretos de Deus e a Lei que permanece para sempre.
 Todos os que a ela se agarram caminham para a vida^c,
 mas os que a abandonam morrerão.
²Volta^d, Jacob, e acolhe-a;
 caminha em direção ao esplendor na presença da sua luz.
³Não entregues a outro a tua glória,
 nem os teus privilégios a uma nação estrangeira.
⁴Nós somos felizes, ó Israel,
 porque nos foi dado conhecer aquilo que agrada a Deus.

Exortação e encorajamento de Jerusalém^e

- ⁵Tem coragem^f, meu povo,
 vós que sois a memória de Israel^g!
⁶Não fostes vendidos às nações
 para serdes destruídos^h;
 foi por terdes provocado a ira de Deus
 que fostes entregues aos inimigos.
⁷Irritastes Aquele que vos criouⁱ,
 ao sacrificardes a demônios e não a Deus.

^a *A sabedoria* é acrescento da tradução. O sujeito dos verbos desta frase parece continuar a ser a sabedoria (embora a construção em grego permita também entender que é Deus o sujeito), que se tornou presente no mundo por meio da Lei de Moisés.

^b Ao contrário do que acontecia em 1,1, a palavra *livro* em grego não está no diminutivo. Este livro (*biblos*) tem um sentido metafórico mais amplo e não se confina ao conceito de um documento ou carta de circunstância.

^c Lit.: *os agarrados dela para vida*.

^d O verbo *voltar* é aquele que exprime teologicamente, tanto em grego como em hebraico, o movimento de conversão como reencontro de algo que naturalmente se tem, mas do qual tinha havido um afastamento.

^e Esta última seção de Baruc (4,5-5,9) recolhe muita inspiração da segunda parte do livro de Isaías e de Jeremias, para construir uma exortação profética, com temas que remetem para Jeremias, Lamentações e Oseias, formando uma peça literária de rica intertextualidade, dividida em duas partes: 4,9-29, em que Jerusalém, personificada como mãe, fala sobre os seus filhos exilados e se lhes dirige para os encorajar; 4,30-5,9, uma exortação profética, que se volta de novo para Jerusalém, para a encorajar, anunciando-lhe o castigo dos inimigos (4,30-35) e celebrando o futuro regresso dos exilados e a esperança no triunfo (4,36-5,9).

^f As repetidas exortações à coragem constituem como que um refrão que dá ritmo a todo o texto (vv.5.21.27.30).

^g Lit.: *memorial de Israel*. A expressão recorda o povo que está no exílio da sua identidade originária, sublinhando que transporta o nome de Israel quase como num ritual litúrgico (sentido que *memorial* tem no AT; cf. Lv 2,2)

^h Lit.: *para destruição*.

ⁱ Lit.: *fez*.

⁸Esqueceste o Deus eterno que vos nutriu,
entristecestes aquela que vos alimentou, Jerusalém^j.

⁹Ela viu cair sobre vós a cólera, vinda de Deus,
e disse: «Escutai, vizinhas de Sião!
Deus fez vir sobre mim uma grande tristeza,

¹⁰pois vi o cativoiro dos meus filhos e filhas,
que o Eterno^k fez vir sobre eles.

¹¹Eu, que os tinha nutrido na alegria,
vi-os partir^l no pranto e na tristeza.

¹²Que ninguém se alegre pela minha viuvez
e por ter sido abandonada por tantos^m!
Tornei-me um deserto por causa dos pecados dos meus filhos,
porque se desviaram da lei de Deus,

¹³não reconheceram os seus preceitos,
nem seguiram os caminhos dos mandamentos de Deus,
nem trilham pelas sendas da instrução de acordo com a sua justiça.

¹⁴Que venham as vizinhas de Sião!
Lembraí-vos do cativoiro dos meus filhos e filhas,
que o Eterno fez vir sobre eles.

¹⁵Pois fez vir contra eles uma nação longínqua,
uma nação cruel e de linguagem estranha,
que não respeitou o ancião
nem teve misericórdia das crianças.

¹⁶Levaram os amados filhosⁿ da viúva
e deixaram-na só e desolada sem as suas filhas.

¹⁷E eu, de que modo vos poderei ajudar?

¹⁸Aquele que fez vir sobre vós estes males
vos livrará das mãos dos vossos inimigos.

¹⁹Ide, meus filhos, ide embora!
Eu aqui ficarei abandonada, deserta.

^j O paralelismo entre Deus e Jerusalém introduz a personificação da cidade. Por isso, nos vv. seguintes, ela dirige-se ao povo como uma mãe a seus filhos, com uma longa exortação (4,9-29. Cf. Os 2,4.7; Ez 19,2).

^k O autor desta secção de Baruc mostra-se muito sensível à ideia de eternidade. Ele é o único na Bíblia a usar o título de *Eterno* sem mais, como nome de Deus (4,10.20.22.24.35; 5,2) e sublinha com insistência o carácter eterno dos dons de Deus (4,23.29; 5,1.4).

^l Lit.: *enviei*.

^m Lit.: *que ninguém se alegre por mim, a viúva e abandonada por muitos*. Na versificação da NVg, esta frase constitui um só verso.

ⁿ *Filhos* é acrescento da tradução.

- ²⁰ Despi as vestes da paz,
vesti-me de saco em atitude de súplica^a
e clamarei ao Eterno ao longo dos meus dias.
- ²¹ Tende coragem, meus filhos! Bradai a Deus
e Ele vos libertará da opressão, da mão dos inimigos.
- ²² Pois eu depusitei no Eterno a esperança da vossa salvação^b
e uma grande^c alegria me veio da parte do Santo,
perante a misericórdia que em breve virá para vós
da parte do vosso eterno salvador.
- ²³ Despedi-me de vós na tristeza e no pranto,
mas Deus vos há de restituir a mim
no regozijo e na alegria, para sempre^d.
- ²⁴ Pois como agora as vizinhas de Sião viram o vosso cativo, assim em breve verão a vossa salvação,
que virá da parte do vosso Deus sobre vós,
com a imensa glória e o esplendor do Eterno^e.
- ²⁵ Filhos, suportai com paciência a ira de Deus que veio sobre vós;
o teu inimigo perseguiu-te,
mas em breve verás a sua perdição
e calcarás aos pés os seus pescoços.
- ²⁶ Os meus filhos^f delicados percorreram ásteros caminhos,
foram arrebatados como um rebanho raptado pelos inimigos.
- ²⁷ Tende coragem, meus filhos! Bradai a Deus,
pois Aquele que sobre vós fez vir tais coisas de vós se há de lembrar^g.
- ²⁸ Tal como tivestes o pensamento de vos afastar de Deus^h
assim, ao regressardes, procurai-o com dez vezes mais ardorⁱ.
- ²⁹ Pois Aquele que sobre vós fez vir os males
sobre vós fará vir a alegria eterna juntamente com a vossa salvação.»
- ³⁰ Tem coragem, Jerusalém!

^a Lit.: *vesti o meu saco de súplica*. Em situações que implicam espírito de penitência ou sofrimento, usar roupas de tecido áspero era um costume habitual entre os hebreus (cf., por exemplo, Gn 37,34; 2Sm 3,31; 1Rs 21,27; 2Rs 19,1; Jn 3,6; Dn 9,3).

^b Lit.: *pois eu esperei sobre o Eterno a vossa salvação*.

^c Grande é acréscimo da tradução.

^d O horizonte que se pressente neste texto é bastante convergente com a segunda parte do livro de Isaias. Daí as ressonâncias convergentes entre os textos de Br 4,23.29.36 e de Is 51,3.11; 52,9; 55,12; 60,15; 61,3.

^e Este verso integra o anterior na NVg.

^f Filhos é acréscimo da tradução.

^g Lit.: *pois existirá memória de vós da parte de quem fez vir [estas coisas]*.

^h Lit.: *pois assim como o vosso pensamento aconteceu para o afastar-se de Deus*.

ⁱ Ardor é acréscimo da tradução.

Aquele que te deu o nome^j te consolará.

³¹ Malditos sejam aqueles que te fizeram mal
e se alegraram com a tua queda.

³² Malditas as cidades onde os teus filhos foram escravos,
maldita aquela que recebeu os teus filhos^k.

³³ Tal como ela se alegrou com a tua queda
e se regozijou pela tua ruína,
assim também se lamentará pela sua própria devastação.

³⁴ Hei de arrebatar-lhe a alegria da sua numerosa população,
e a sua altivez transformar-se-á em tristeza,

³⁵ pois sobre ela virá um fogo,
da parte do Eterno, por longos dias
e será habitada por demónios por muito tempo.

³⁶ Olha para o Oriente^l, Jerusalém,
e vê a alegria que te vem da parte de Deus.

³⁷ Eis que chegam os teus filhos, que viste partir^m;
chegam reunidos do Oriente ao Ocidente
pela palavra do Santo, rejubilando com a glória de Deus.

S ¹ Jerusalém, despe a tua veste de tristeza e aflição
e veste para sempre
a dignidade da glória que vem de Deus.

² Envolve-te com o duplo manto da justiça que vem de Deus,
põe sobre a tua cabeça o diadema de glória do Eterno.

³ Pois Deus mostrará o teu esplendorⁿ
a todos os que estão debaixo do céu.

⁴ Serás chamada para sempre com o nome
que te vem de Deus: «Paz da Justiça» e «Glória da Piedade»^o.

⁵ Levanta-te, Jerusalém, e põe-te em lugar elevado;
olha na direção do Oriente e vê os teus filhos reunidos,

^j Dar nome a uma cidade significa assumir o papel de seu criador e senhor, responsável pelo seu destino (cf. Is 1,26; 60,14; 62,4.12; Jr 33,16; Ez 48,35; Zc 8,3; Sl 87,5). Em 5,4, o próprio Deus, criador de Jerusalém, estabelece para ela um novo nome eterno. Esta metáfora equivale a uma autêntica refundação.

^k Entre muitas cidades das quais existem razões de queixa, a maldição principal recai sobre a cidade da Babilónia, que foi a principal causadora do exílio e passou a ser o principal destino dos desterrados (cf. Jr 50-51; Is 47).

^l O Oriente é um horizonte que sugere luz e salvação. O mundo semítico habituou-se a associar essa perspectiva de Oriente com a ideia de salvação. Nestes textos, entretanto, a expectativa que a ideia de Oriente suscita no imaginário é o entusiasmo pela notícia do regresso dos exilados (cf. Is 41,2.25; 46,11).

^m Lit.: *enviaste*.

ⁿ O *esplendor* de Jerusalém é aquele que lhe veio de Deus (cf. 4,24).

^o Cf. 4,30 nota.

rejubilando desde o pôr do sol até ao Oriente^a
pela palavra do Santo, por Deus se ter lembrado deles^b.

⁶Pois eles saíram de junto de ti a pé, levados pelos inimigos,
mas agora Deus os reconduz a ti,
elevados em glória, como num trono real^c.

⁷Pois Deus ordenou que se rebaixasse
toda a montanha elevada e as colinas eternas
e se enchessem os vales, para nivelar a terra,
a fim de que Israel pudesse caminhar em segurança,
conduzido^d pela glória de Deus.

⁸Também as florestas e todas as árvores aromáticas
ofereceram sombra a Israel, por ordem de Deus.

⁹Pois Deus reconduzirá Israel com alegria
à luz da sua glória,
com a misericórdia e a justiça
que dele procedem.

CARTA DE JEREMIAS

6 Insignificância e inutilidade da idolatria

⁶Cópia^a da carta que Jeremias enviou aos prisioneiros que iam ser deportados para a Babilónia pelo rei dos babilónios, a fim de lhes anunciar o que lhe tinha sido ordenado por Deus:

¹«É por causa dos pecados que cometestes^f diante de Deus que estais a ser deportados para a Babilónia como prisioneiros por Nabucodonosor, rei dos babilónios.

^a A notícia do regresso tem que ver com os exilados do Oriente, mas o significado alarga-se e abrange-os a todos desde o Ocidente. A imagem que se projeta é a de um regresso universal e completo, possivelmente à semelhança do êxodo do povo, que saiu no seu completo para fora do Egito.

^b Lit.: *pela lembrança de Deus*. Esta referência vai possivelmente ao encontro do pedido que fora anteriormente apresentado (3,5).

^c Lit.: *como/para trono real*. A partícula grega tanto pode ter valor comparativo (*como [sobre] um trono*) como preposicional, indicando destino (*para um trono real*), tornando o texto difícil de interpretar. Vários mss. substituíram «trono» por «filhos». Seja como for, a imagem principal parece ser a do regresso dos filhos de Jerusalém, que não será uma marcha de refugiados, mas um cortejo glorioso; Jerusalém como trono do Senhor ecoa em Jr 3,17.

^d Lit.: *conduzido* é acrescento da tradução. Este verso integra o anterior na NVg.

^e Tanto na LXX como na Vg e na NVg, este pequeno prólogo ficou fora da numeração dos vv., o que reforçou a ideia de que não pertencia ao texto primitivo. Pode tratar-se, na verdade, de um recurso de redação ficcional: a referência ao envio de uma carta *aos que iam ser desterrados* sugere uma construção literária mais do que um facto histórico, uma vez que os destinatários estariam ainda em vias de partir e não já exilados há muito tempo, como parece ser a situação real da época em que o texto foi composto. A menção de Jeremias como remetente seria mais um elemento dessa ficção; o próprio género epistolar presta-se, de resto, à criação de perspetivas ficcionais.

^f Lit.: *pecastes*.

²Por isso, quando chegardes à Babilónia, haveis de ficar ali muitos anos e durante longo tempo, até sete gerações^g. Mas depois disso, fazer-vos-ei sair dali em paz.

³Entretanto, vereis na Babilónia deuses de prata, de ouro e de madeira levados a ombros e provocando medo às nações. ⁴Tende, pois, cuidado para não vos tornardes também vós iguais aos estrangeiros^h, e para que o medo desses deusesⁱ não tome conta de vós, ⁵quando virdes uma multidão a prostrar-se à frente e atrás deles. Dizei, então, com convicção: «É diante de ti, Senhor^j, que é necessário prostrar-se! ⁶Pois o meu anjo estará convosco e ele mesmo cuidará das vossas almas^k.

⁷A língua desses deuses^l foi polida por um artesão; mas, estejam eles revestidos de ouro ou de prata, são falsos e não conseguem falar. ⁸E tal como se faz para uma donzela que gosta de se enfeitar, pegam em ouro e fazem coroas para pôr^m sobre a cabeça dos seus deuses. ⁹Mas também acontece que os sacerdotes tiram ouro e prata dos seus deuses e usam-nos para os seus próprios gastos e para presentear as prostitutas no terraçoⁿ. ¹⁰Adornam com roupas, como se fossem seres humanos, deuses que são de prata, ouro ou madeira. Mas estes não conseguem salvar-se da ferrugem nem da degradação^o. ¹¹Embora os revistam com vestes de púrpura, têm de lhes espanar o rosto, por causa do pó do templo^p que se acumula sobre eles^q. ¹²Um empunha um cetro, como se fosse o governador^r de uma província, mas não pode condenar à morte^s quem o ofenda^t. ¹³Outro tem um punhal na mão direita^u e um machado, mas não se consegue livrar nem da guerra nem dos ladrões. ¹⁴Daqui se conclui que não são deuses^v. Portanto, não tenhais medo deles.

^g A memória da duração do exílio e das diásporas manteve-se viva e foi suscitando releituras sucessivas. A duração aqui prevista não coincide com a referida em Jr 25,11-12; 27,7; 29,10. Cf. ainda 2Cr 36,21; Dn 9,2.

^h Lit.: *assemelbando-se aos estrangeiros vos torneis semelhantes*.

ⁱ A exortação a não ter medo dos ídolos apresenta-se como um autêntico refrão ao longo de toda a carta (vv. 14.22.28.64.68).

^j Lit.: *soberano*.

^k Ou *pedirá contas das vossas almas*.

^l Lit.: *deles*.

^m Para *pôr* é acrescento da tradução.

ⁿ Há quem veja aqui uma referência à casa das prostitutas. O texto parece referir-se à parte destinada às prostitutas sagradas que existiria eventualmente por cima dos templos da Mesopotâmia. A crítica dirigida aos ídolos atinge também outros costumes mesopotâmicos onde a sexualidade e o culto parecem andar associados.

^o Lit.: *de comidas*. O termo é de difícil interpretação: alguns comentadores leram-no como erro de tradução do hebraico, propondo *traças* em vez de *alimento* (cf. Is 51,8; Mt 6,19). Outros defendem que no grego tardio o termo adquiriu o sentido de decomposição orgânica, formando com *ferrugem* um par que designa a degradação dos metais e da madeira (hipótese plausível, mas não consensual).

^p Lit.: *pó da casa*. Este sentido da palavra *casa* a significar *templo* poderia ser um indício de que o texto original poderia estar numa língua semítica, nomeadamente o hebraico.

^q Lit.: *que é muito sobre eles*. As descrições sobre estas cerimónias de vestir e despir os deuses é um tema que nas culturas antigas se presta bastante a ser caricaturado.

^r Lit.: *um homem juiz*.

^s Lit.: *matar*.

^t Ou: *que peque contra ele*.

^u *Outro e direita* são acrescentos da tradução.

^v Esta conclusão de que os ídolos não são deuses é outro refrão deste texto (vv.22.28.50.51.64.71).

¹⁵Tal como um utensílio de alguém^a, quando se parte, se torna inútil, assim são os seus deuses, instalados nos seus templos^b. Os seus olhos estão cheios de pó, levantado^c pelos pés daqueles que ali entram. ¹⁷E tal como se tranca cuidadosamente o recinto onde se encontra alguém que tenha ofendido o rei, até ser conduzido à morte, os sacerdotes fecham os seus templos com portas, trancas e ferrolhos, para não serem roubados pelos ladrões. ¹⁸Acendem mais lâmpadas para eles do que para si mesmos, ainda que nenhum deles seja capaz de as ver. ¹⁹São como uma daquelas traves do templo, cujo interior se supõe que está corroído^d: os vermes que sobem da terra devoram-na, bem como aos seus vestidos, sem que eles se apercebam. ²⁰O rosto deles torna-se negro pelo fumo que se faz no templo. ²¹Por cima do seu corpo e sobre a sua cabeça passam morcegos, andorinhas, pássaros e até mesmo gatos. ²²Daqui podeis concluir que eles não são deuses. Não deveis, portanto, ter medo deles. ²³Quanto ao ouro que lhes colocam à volta para os embelezar, se ninguém lhe limpar a ferrugem, deixará de brilhar. Nem sequer quando estavam a ser fundidos sentiram alguma coisa. ²⁴Foram comprados por preço exorbitante^e, mas neles não existe espírito^f. ²⁵Sem pés, têm de ser levados aos ombros, mostrando aos homens a sua indignidade. Até os que tratam deles passam pela vergonha, pois quando um desses deuses^g cai por terra, são eles que o têm de levantar. ²⁶Se alguém o puser direito e em pé, ele é incapaz de se mover por si mesmo e, se tombar, jamais conseguirá endireitar-se; as ofertas que lhes apresentam são como se as fizessem^h aos mortos. ²⁷Quanto às vítimas que lhes são sacrificadas, os seus sacerdotes vendem-nas em proveito próprioⁱ. O mesmo fazem as suas mulheres que guardam uma parte dos sacrifícios na salgadeira, sem nada distribuir pelos pobres e incapacitados^j. Até aquela que está em estado de menstruação^k ou que deu à luz toca nas vítimas que lhes são sacrificadas^l. ²⁸Portanto, podendo por tudo isto concluir que eles não são deuses, não tenhais medo deles.

^a Tanto no grego como num hipotético original hebraico o termo poderia significar vários objetos de uso corrente.

^b Lit.: *nas suas casas*.

^c *Levantado* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *são como trave das que [são] da casa, os corações delas - dizem - são corroídos*.

^e Lit.: *pelo preço todo*.

^f Este *espírito* é a parte do humano que representa o nível superior da vida. A falta de vida e de movimento autónomo são as críticas aos ídolos que a tradição bíblica considera mais pertinentes (cf. Is 46,7; Jr 10,5.14; Sl 115,7; 135,17; Hab 2,19). É precisamente o contrário de Deus, que dá o sopro de vida (Gn 2,7; Jb 34,14s; Sl 104,29s).

^g *Um desses deuses* é acrescento da tradução.

^h *As fizessem* é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *os seus sacerdotes, devolvendo os sacrifícios deles, fazem uso deles*.

^j O ideal pressuposto é o que aparece em Dt 14,28s.

^k Lit.: *a que se senta à margem*.

^l Lit.: *dos sacrifícios deles*.

²⁹De onde lhes vem então o serem chamados deuses? Pois até há mulheres que apresentam ofertas^m a esses deuses de prata, ouro e madeira! ³⁰Nos seus templos os sacerdotes conduzem os carrosⁿ com as túnicas rasgadas, de cabeça e barba rapadas^o e com a cabeça a descoberto. ³¹Gritam e berram diante dos seus deuses como alguns fazem num banquete fúnebre^p. ³²Com as roupas que retiram dos deuses^q, os sacerdotes vestem as suas mulheres e os seus filhos. ³³Quando alguém lhes causa algum mal ou um bem, tais deuses^r não são capazes de retribuir, tal como não são capazes de estabelecer ou depor um rei. ³⁴De igual modo, não conseguem dar riqueza nem dinheiro. Se alguém lhes faz uma promessa e não a cumpre, eles jamais lhe pedirão contas. ³⁵Não arrancam ninguém da morte, nem livram o fraco da mão^s do forte. ³⁶Não restituem a visão a um cego^t, nem livram quem passa por dificuldades. ³⁷Não têm misericórdia das viúvas, nem fazem bem aos órfãos. ³⁸Essas coisas de madeira e revestidas de ouro ou de prata são semelhantes a pedras extraídas da montanha e aqueles que tratam deles ficarão cobertos de vergonha. ³⁹Como se pode, então, pensar ou dizer que eles são deuses?

⁴⁰Mais ainda, os próprios caldeus os desconsideram^u, pois quando veem um mudo incapaz de falar levam-no a Baal e pedem para que ele fale, como se o deus fosse capaz de entender. ⁴¹Mas não são capazes de refletir sobre isso e de abandonar os deuses^v, pois não são capazes de entender nada. ⁴²As mulheres cingidas com uma corda vão sentar-se junto aos caminhos, queimando farelo como se fosse incenso^w. ⁴³E quando alguma delas é levada por um dos transeuntes e se deita com ele, escarnece da sua vizinha por não ter sido considerada como ela o foi e por a sua corda não ter sido cortada. ⁴⁴Tudo o que lhes diz respeito é falso. Como se pode, então, pensar ou dizer que eles são deuses?

⁴⁵Foram fabricados por artesãos e por ourives^x; não podem ser outra coisa senão o que os seus artífices quiseram que fossem. ⁴⁶Os próprios que os fabricaram não viverão certamente muito tempo^y. Como podem, então, ser deuses as coisas que foram fabricadas por eles? ⁴⁷Aos seus descendentes não deixam senão mentira e igno-

^m *Ofertas* é acrescento da tradução. O contraste está em que, entre os hebreus, somente os homens podiam exercer funções de culto.

ⁿ Ou: *sentam-se*. Os carros referidos podem ser os que eram usados em desfiles processionais.

^o A base da crítica encontra-se em Lv 21,5.

^p Esta cerimónia é uma possível alusão a rituais praticados no Antigo Oriente em honra de uma divindade que morre, como acontece com os cultos de Adónis na Síria.

^q Lit.: *deles*.

^r *Tais deuses* é acrescento da tradução.

^s *Da mão* é acrescento da tradução.

^t O grego antepõe *homem*.

^u No sentido em que envergonham os seus deuses, ao demonstrarem involuntariamente a sua ineficácia.

^v Lit.: *de pensando abandoná-los*.

^w Esta cena pode constituir uma alusão a rituais utilizados em contexto de prostituição sagrada.

^x O tema da fabricação artesanal dos deuses é outro tema de crítica à idolatria, que se tornou clássico na Bíblia (Jr 10,9; Is 44,11; Sb 15,7-9.16-17).

^y Lit.: *jamais vivem/viveram longevos*.

mínia.⁴⁸ Pois quando a guerra e as desgraças caem sobre os seus deuses^a, os sacerdotes reúnem-se em conselho para decidirem onde se hão de esconder juntamente com eles^b.⁴⁹ Mas como se pode pensar que são deuses, se nem a si mesmos são capazes de se salvar da guerra e das desgraças?⁵⁰ Sendo eles de madeira, revestidos de ouro ou de prata, depois disto ficar-se-á a saber que são falsos. Para todos os povos e para todos os reis ficará claro que não são deuses, mas apenas obra das mãos dos homens^c e que neles nada é obra de Deus.⁵¹ Quem não poderá concluir, a partir daqui, que eles não são deuses?

⁵² Eles nunca poderão estabelecer um rei para uma nação ou conceder chuva aos homens,⁵³ nunca poderão defender a sua própria causa ou livrar alguém que foi injustiçado, porque são incapazes de o fazer^d; são como os corvos entre o céu e a terra.⁵⁴ Quando o fogo deflagra num templo desses deuses de madeira, revestidos de ouro ou de prata, os seus sacerdotes fogem e põem-se a salvo, enquanto eles mesmos são consumidos juntamente com as traves mestras.⁵⁵ Eles nunca poderão oferecer resistência nem a um rei nem aos soldados.⁵⁶ Como se pode então aceitar ou considerar que são deuses?

⁵⁷ Esses deuses de madeira, revestidos de prata ou de ouro nem sequer estão a salvo dos ladrões e salteadores, pois sendo eles mais fortes, arrancam-lhes o ouro e a prata e vão-se embora levando consigo as vestes que os cobriam, sem que eles se possam ajudar a si mesmos.⁵⁸ Por isso, mais vale um rei que mostra a sua valentia ou um objeto útil em casa, que o seu dono pode usar, do que esses deuses falsos; mais vale^e a porta de uma casa, que salvaguarda as coisas que lá estão dentro, do que esses deuses falsos; mais vale um pilar de madeira nos palácios do que esses deuses falsos.

⁵⁹ O Sol, a Lua e as estrelas brilham e, quando são enviados a responder a uma necessidade^f, são obedientes.⁶⁰ Do mesmo modo, o relâmpago quando se manifesta é bem visível; assim também o vento que sopra em toda a terra.⁶¹ E quando Deus ordena às nuvens que viajem sobre toda a terra habitada, elas cumprem o que lhes foi ordenado. Do mesmo modo o fogo que é enviado do alto para consumir montanhas e florestas faz o que lhe foi estipulado.⁶² Mas esses tais deuses^g não se comparam a estas coisas, nem na forma, nem no poder.⁶³ Daí que não se deva pensar nem dizer que eles são deuses, pois não são capazes de julgar uma causa nem fazer bem aos homens.⁶⁴ Portanto, ao concluir que eles não são deuses, não tenhais medo deles!

⁶⁵ Eles nunca poderão amaldiçoar ou abençoar os reis;⁶⁶ nunca poderão mostrar às nações sinais no céu, nem brilhar como o Sol ou iluminar como a Lua.⁶⁷ Até os

^a Lit.: *vêm sobre essas coisas*.

^b Lit.: *fazem conselho para si próprios onde se esconderem com eles*.

^c Este é mais um rótulo bíblico clássico para designar os ídolos (Dt 4,28; 2Rs 19,18; Sl 115,4; 135,15; Sb 13,10).

^d De o fazer.

^e *Mais vale* é acrescento da tradução, tal como no final do v.

^f Lit.: *enviadas sobre necessidade*.

^g Lit.: *coisas*.

animais são melhores do que eles, pois, quando fogem para um abrigo, mostram que se podem ajudar a si mesmos^h. ⁶⁸Não há, portanto, para nós qualquer evidênciaⁱ de que eles sejam deuses. Assim, não tenhais medo deles.

⁶⁹Pois tal como um espantalho num campo de pepinos não guarda nada, assim são os seus deuses de madeira, revestidos de ouro ou de prata. ⁷⁰Do mesmo modo, os seus deuses de madeira, revestidos de ouro ou de prata, podem ser comparados a um espinheiro no quintal, sobre o qual todos os pássaros vão poisar, ou ainda a um cadáver atirado para as trevas. ⁷¹Ao ver como a púrpura e o linho apodrecem^j sobre eles^k, chegareis à conclusão de que não são deuses. Por fim, eles próprios serão carcomidos e serão uma ignomínia na sua terra. ⁷²Quem está bem é o homem justo, que não tem ídolos: este estará a salvo da desonra^l.

^h Lit.: *que podem, fugindo para abrigo, ajudar-se a si mesmos.*

ⁱ Lit.: *por nenhum modo, portanto, é para nós evidente.*

^j Lit.: *mármore*, de difícil interpretação na frase. É provável que se trate de uma tradução incorreta do termo *šes*, que, num eventual original semítico, tanto poderia significar linho como mármore.

^k Lit.: *a partir da púrpura e do mármore que apodrece sobre eles.*

^l Lit.: *melhor, pois, homem justo não tendo ídolos, pois está longe de desonra.*